

HOMEM-PÁSSARO OU A INESPERADA VIRTUDE DA IGNORÂNCIA – ESQUIZOFRENIA, O GRITO DE UMA VOZ EMSILÊNCIO

João Miguel Alves Ferreira¹;

Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0001-9905-0849>

Sergii Tukaiev²;

Universidade da Suíça Italiana (USI), Lugano, Suíça.

<https://orcid.org/0000-0002-6342-1879>

Raquel Pires Lopes³.

Ensino *Insight*: Centro de Investigação Piaget para o Desenvolvimento Humano e Ecológico, Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, Almada, (IPJP), Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0002-2061-7038>

RESUMO: O estudo aborda a esquizofrenia, uma das dez doenças mais incapacitantes dos indivíduos, apenas podendo ser controlada por antipsicóticos, não tendo cura. Neste âmbito, procedeu-se a uma reflexão crítica a o filme “Homem-pássaro ou a inesperada virtude da ignorância”, cuja personagem principal sofre de esquizofrenia. O filme demonstra que os conflitos mentais reais reprimidos, permanecem num estado virtual ou imaginário, de latência, mas podem ser observados quando os contextos propiciam a libertação dessas potencialidades, ou seja, quando o meio assim o estimula. Assim, ao longo do filme, assiste-se à manifestação aguda da doença, caracterizada por uma sintomatologia psicótica, enquadrada na esquizofrenia do tipo paranoide. Pretendeu refletir sobre a doença e a importância em se investir, nesta área, para um maior conhecimento da patologia, que vise a promoção da melhoria da qualidade de vida dos doentes e das suas famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Perturbação Mental. Saúde Mental. Mente.

LEONOR- CLINICAL CASE EVALUATION. EFFECTS OF THE PAST ON CHILDHOOD AND LATER CONSEQUENCES.

ABSTRACT: The study addresses schizophrenia, one of the ten most disabling diseases for individuals, which can only be controlled by antipsychotics and has no cure. In this context, a critical reflection was carried out on the film “Birdman or the unexpected virtue of ignorance, whose main character suffers from schizophrenia. The film demonstrates that real repressed mental conflicts remain in a virtual or imaginary state of latency but can be observed when contexts provide the release of these potentialities, that is when the environment stimulates them. Thus, throughout the film, we witness the acute manifestation of the disease, characterized by psychotic symptoms, classified as paranoid schizophrenia. It was intended to reflect on the disease and the importance of investing, in this area for

greater knowledge of the pathology, to promote improved quality of life for patients and their families.

KEYWORDS: Mental Disorder. Mental Health. Mind.

INTRODUÇÃO

O termo «esquizofrenia» deriva etimologicamente do grego *Skizaein*, que significa «rachar», designação esta da autoria de Eugéne Bleuler (1995; cit in Almeida, 2009). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), esta é uma das dez doenças mais incapacitantes que afeta o indivíduo, sendo que não tem cura, apenas pode ser controlada por antipsicóticos. Manifesta-se de forma aguda, desenvolvendo sintomatologia psicótica num percurso de dias ou semanas. Por outro lado, pode manifestar-se de forma insidiosa numa transição gradual do estado pré-mórbido da personalidade e da sintomatologia pródomica para manifestação inicial (OMS, 1998; cit in Sousa, Pinho & Pereira, 2017). Na literatura científica, é considerada como uma das perturbações psiquiátricas mais graves, sendo uma perturbação complexa de carácter crónico, que gera prejuízos na vida dos pacientes (Santana, Chianca, & Cardoso, 2009; cit in Sousa, Pinho & Pereira, 2017).

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 1993) a esquizofrenia é caracterizada por distorção cognitiva e da perceção, e por enfraquecimento afetivo. Embora alguns défices cognitivos se possam desenvolver ao longo do tempo, os indivíduos com esta psicopatologia preservam, geralmente, a consciência e as capacidades intelectuais. Desta forma, numa fase inicial da doença, alguns dos sintomas presentes são: isolamento social, hostilidade ou desconfiança, negligência dos hábitos de higiene, diminuição da expressão emocional, sintomas depressivos, hipersonolência ou insónia, discurso irracional ou bizarro, entre outros (Queirós T, et al., 2019).

Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-5), a Esquizofrenia com o código 295.90 (F20.9), inclui-se nas perturbações do espectro da esquizofrenia e outras perturbações psicóticas. Esta é entendida como uma variedade de disfunções cognitivas, comportamentais e emocionais, por um conjunto de sinais e sintomas associados a défices de funcionamento ocupacional ou social, visto ser uma síndrome clinicamente heterogénea.

Segundo o DSM-5, existem cinco principais tipos de esquizofrenia: paranoide, catalónica, indiferenciado e residual (Almeida, 2009). Destaca-se a esquizofrenia paranoide por ser a mais conhecida, com características fulcrais como a existência de ideias delirantes e alucinações auditivas. Estas ideias podem ser múltiplas, mas estão geralmente organizadas à volta de um tema principal, as alucinações, que por sua vez, estão também relacionadas com o contexto da temática delirante (APA, 2002; cit in Almeida, 2009). Nas alucinações auditivas, verificam-se alterações da senso-perceção, não existindo assim, a perceção do objeto. Estas classificam-se como verbais, na qual o doente, ouve palavras isoladas, frases, enunciados ou discursos complexos e vozes que não ouvidas por outras pessoas. E não-verbais, na qual ouve sons, não ouvidos por outras pessoas (Dalgalarrodo, 2008). Quanto

aos delírios, podem ser de perseguição, uma vez que o doente ouve ou vê algo socialmente partilhado e faz uma interpretação bizarra, tendo sempre como referência o seu Eu como foco. Ou ainda, delírios de grandeza, em que o doente acredita ser famoso, rico ou super especial (Dalgalarrodo, 2008). Neste sentido, os delírios traduzem-se numa construção do sujeito, em que este reorganiza o aparelho psíquico, na medida em que a fala, é uma das principais formas de (re)construção da realidade psíquica. Desta forma, na estrutura das construções psicopatológicas, o delírio, classifica-se como simples, complexos, não-sistematizados e principalmente sistematizados, visto as histórias serem muito ricas, consistentes e variam conforme a complexidade, sendo muito frequentes e tidas como convicção absoluta, pois são muito reais (Jaspers, 1979).

OBJETIVO

A reflexão crítica ao filme tem como base assinalar a manifestação aguda da doença, caracterizada por um conjunto de sintomatologias psicóticas desenvolvidas ao longo de vários episódios, estando enquadrados na esquizofrenia do tipo paranoide.

METODOLOGIA

Procedeu-se à reflexão crítica do filme norte-americano “Homem-pássaro (*Birdman*)” ou “A inesperada Virtude da Ignorância”, dirigido por Alejandro González Iñárritu, de 2014. Foram realizadas pesquisas utilizando termos booleanos em várias bases de dados de renome como PsycINFO, PubMed, EMBASE, Web of Science, Cochrane, Google Scholar e CINAH. Ao analisar estas narrativas, identificamos padrões emergentes e áreas de consenso, refletindo a complexidade da personagem com esquizofrenia do tipo paranoide. Reconhecemos que a nossa perspetiva é apenas uma entre muitas possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Homem-pássaro (*Birdman*)” ou “A inesperada Virtude da Ignorância”, conta a história do ator Riggan Thomson e da sua procura por reconhecimento. Riggan conquistou fama e sucesso quando, há vinte anos, foi personagem no papel do famoso super-herói, homem-pássaro (*Birdman*). Contudo, ao recusar o papel no quarto filme do tema, viu a sua carreira declinar drasticamente. Mesmo após tantos anos, continua a ter a sua imagem constantemente associada à personagem e agora, procura reafirmar-se independente do super-herói.

O ator propõe-se a um ambicioso projeto de representar, dirigir e escrever/adaptar uma peça nos palcos da Broadway. A peça é uma adaptação de “De que falamos quando falamos de amor?” (*What we talk about when we talk about love?*), de Raymond Carver, 1981.

Riggan percebe que tem, neste projeto, a sua hipótese de autoafirmação, de desvinculação da antiga personagem de super-herói e de realização pessoal, mas para isso

tem de aprender a lidar e suportar diversos dilemas, que ameaçam a consolidação e estrutura dos objetivos a que se propõe: a relação conturbada com sua filha Sam, que acaba de sair de uma clínica de reabilitação para toxicodependentes; os conflitos com o temperamental Mike Shiner, que atua na peça; e as críticas que constantemente o descredibilizam como ator, vindas dos próprios parceiros de palco e subordinados. Como se tudo isto não bastasse para atentar contra o bem-estar psicológico de qualquer um, o ator é, ainda, assolado pela presença da sua antiga personagem (primeiro indício de esquizofrenia presente no filme). A voz do homem-pássaro ecoa na sua mente, demonstrando que o próprio Riggan parece não conseguir livrar-se do super-herói e do que ele representa na sua identidade. Ansioso, Riggan entra num profundo conflito interno, enquanto, por um lado, goza do tão desejado reconhecimento em homem-pássaro e, por outro, não se quer limitar a um único papel, considerado por ele mesmo e pela crítica, “comercial, fútil e chulo”.

O conflito da personagem chega a um nível tão profundo, que este começa a não conseguir discernir o que é real e o que é somente construção da sua mente, acabando por sucumbir completamente às suas angústias.

Paralelamente, o filme desenvolve também os conflitos de Mike e Sam. Se Riggan procura, obcecadamente e de forma obsessiva, reconhecimento, o temperamental Mike tem como prioridade a perfeição e o realismo artístico, em detrimento de qualquer outro aspeto, algo muito patente na cena, na qual Mike incita Riggan a substituir a arma de plástico, por uma arma real. Esta ideia plantada na mente de Riggan ganhou força após este viver um surto psicótico de esquizofrenia, acatando, assim, o recado de Mike e, substituindo a arma, veio, para todos os efeitos, a suicidar-se em palco, embora sem sucesso.

Nos períodos de atuação no palco, o ator é capaz de tudo para atingir a profundidade da personagem, mas isto gera dilemas pessoais, principalmente com a sua ex-namorada Laura, que também é uma das personagens da peça e com a sua filha Sam, que por outro lado, quer parecer invisível.

A filha de Riggan acaba de sair de uma clínica de reabilitação por vício em drogas e passa a trabalhar com o pai. A relação entre eles é extremamente conturbada e além dos seus próprios problemas, Sam tem ainda, que lidar com o comportamento egoísta de Riggan.

O filme traz a ilusão de que se passa numa única sequência de ação contínua, ou o mesmo será dizer, como se os acontecimentos fossem contínuos, sem corte, o que dá a sensação de que o espectador está a ziguezaguear pelos corredores da Broadway, a vivenciar o enredo na primeira pessoa, numa aventura na qual corrumpia os camarins e encontra os segredos e conflitos ocultos das personagens.

A sensação é que o filme decorrer, todo ele, num mesmo ato, ou numa mesma ação contínua, causando confusão à audiência assiste, que se aproxima de certa forma, à aparente confusão existente na mente da personagem principal, como se a própria sombra do super-herói, homem-pássaro e os conflitos das outras personagens, estivessem a ser vividos pelos espectadores que calçam, por momentos, os sapatos de um esquizofrénico. A trilha sonora

também conversa perfeitamente com a história, sendo que é quase tão descompensada quanto a personagem. Somente uma bateria toca insistentemente, aumentando ainda mais a tensão, o caos, a desorganização e a atmosfera caótica vivida nos corredores daquele teatro e na cabeça de Riggan.

Neste filme, é muito tênue a linha da fronteira entre o realismo e a ficção, entre o humano verdadeiro e a personagem, entre a imaginação e o acolhimento dessa fantasia, na esfera pública, como a mais pura das realidades. O final do filme é também aberto a interpretações e, várias destas, podem ser lidas ou assistidas na internet. No entanto, a interpretação psicológica dada, entende o super-herói, homem-pássaro, como o superego de Riggan, que o atormenta nas e com as suas alucinações e insiste para que Riggan reassuma o seu antigo papel de super-herói. É também possível compreender que ao nível do id, o super-herói virtual, presente nas alucinações de Riggan, é quem o gratifica psicologicamente e promove um reforço do seu comportamento e modo de pensar, pois é claramente o fator que viabiliza o exercício e o esforço em prol da popularidade da personagem. Assim, para que este seja notado e se destaque dos demais no mundo real, tem que permanecer vinculado com a sua personagem virtual, caso contrário, cairá no ostracismo, no esquecimento, e será somente mais um mero mortal ou pior, será somente mais um vulgar ator, no meio de um universo de atores vulgares, “chulos” e “fúteis”.

No entanto, ao nível do racional, do ego, Riggan deseja livrar-se, cortar o vínculo, com a personagem do super-herói, homem-pássaro, que o fez famoso, mas que conseqüentemente, o tornou um pai ausente, aquém das expectativas que augurava. Ao viver com este conflito, Riggan reconhece-se a si mesmo como uma espécie de super-herói na vida real, onde o artista em defesa da arte trava uma batalha contra a cultura de entretenimento em massa, o artista puro contra a máquina comercial de filmes.

Aos 9 minutos de filme, Riggan tenta silenciar a voz mentalmente, enquanto esta lhe diz “eu não me vou embora, tu sabes que estou certo”, demonstrando os “poderes” característicos do super-herói, movendo objetos, levitando-os e partindo-os e abrindo portas, entre outros. Aqui fica evidente e muito perceptível, a força e o poder do homem-pássaro na mente e no psicológico de Riggan, isto a ponto de fazer o ator visualizar, ouvir e sentir a sua presença, como se de facto, o homem-pássaro fosse uma realidade palpável. Estes momentos em que o homem-pássaro aparece no filme demonstrando os seus poderes e a sua voz, ilustram justamente a confusão psicológica, a confusão interna do ator, como se estivéssemos a observar as suas próprias criações mentais sob a perspectiva da vítima, sob a perspectiva do paciente, quase como se vestíssemos a pele de um esquizofrênico. Tais aparições são frequentes no início do filme, mas somente a um nível de diálogo, ou melhor, somente a um nível de monólogo por parte do homem-pássaro, o qual Riggan vai tentando ignorar, mas ao longo do enredo, no decorrer do filme, com o aumento gradual da ansiedade do ator, enquanto a estreia da peça se aproxima e os desafios para a sua perfeita execução também, a presença do homem-pássaro, na mente do ator torna-se cada vez mais forte e presente, cada vez mais uma realidade incontornável.

Quando Riggan discute com a crítica de arte representativa, Tabitha, e esta ameaça destruir-lhe a peça de teatro. É, neste momento, que o homem-pássaro ganha mais força. Após esta conversa, no dia anterior à estreia, Riggan parece ficar absolutamente dominado pelo conflito e começa a ter alucinações constantes, surtos esquizofrénicos, cada vez em maior quantidade. Inclusivamente, a partir de 1 hora e 27 minutos de filme, o homem-pássaro aparece materializado, ganhando voz, à qual nos começávamos a habituar, associado a um corpo figurativo. Podemos interpretar que o aumento do receio em não conquistar o tão almejado sucesso e realização pessoal, advinda da peça, faz com que o ator se renda àquela “estabilidade psicológica” contínua, manipuladora e castradora, mas a partir da qual, através do homem-pássaro, Riggan sente-se socialmente relevante e conquista, ainda que na própria mente, um lugar de importância, e assim, de autorrealização. Estas alucinações podem ser interpretadas como a própria busca pela felicidade inerente a nós, seres humanos, e quando a tensão em nos modificarmos e consolidarmos socialmente se torna insuportável, a mente projeta formas de conquistar esta felicidade e realização dentro de si própria. No entanto, no ator, este conflito vai a um extremo tão profundo que começa a perder-se entre a realidade externa e os seus conflitos internos.

Numa parte do filme, quando o homem-pássaro diz a Riggan que tudo o que ele precisa de fazer é estalar os dedos (e pela expressão facial do ator podemos notar um prazer imenso em sentir-se importante, relevante e diferenciado dos demais), que pode ser interpretado como o sentimento de orgulho do superego ao achar que há uma aproximação de si mesmo com a perfeição, com a melhor versão de si mesmo, com o melhor dos Riggans e com uma consequente valorização como pessoa e profissional. Seguidamente, o ator estala os dedos e a rua começa a explodir, e toda uma guerra ao estilo de ficção científica começa, como se o ator estivesse a viver e a usar de verdade as suas capacidades e superpoderes de homem-pássaro.

No entanto, importa ressaltar, que evidentemente, estas cenas demonstram a visão interna conflituosa e fruto da psicopatologia de Riggan, da esquizofrenia de que sofre, visto que na cena seguinte, tudo parece estar exatamente dentro da normalidade, não havendo nada alterado, somente as criações internas do ator e os seus delírios esquizofrénicos. Esta cena é de grande relevância porque nos permite pensar e constatar os conflitos morais do ator. Este tem como objetivo máximo atingir uma validação social, mas com toda a pressão das críticas em relação à sua peça, entra em conflito moral. Por um lado, entende como negativo, “fútil” e “chulo” toda a questão da banalização da indústria cinematográfica representada pelo homem-pássaro, o comércio puro, sem arte, tal como a futilidade moderna que visa a realização profissional em detrimento da realização pessoal; por outro lado, graças ao homem-pássaro, Riggan encontra na sua mente, validação social, demonstrando o quão forte é a imposição social da futilidade moderna que vivemos até aos dias de hoje, onde o ser importa menos do que o ter... e quem é, é quem tem, principalmente, *Facebook*, *Instagram* (aplicações, que até então, o ator se recusava a ter, mesmo tendo sido pressionado pela filha, no episódio em que anda somente em cuecas em plena rua da Broadway).

O homem-pássaro aparece na cena acima descrita a dizer “Eles amam esta merda. Eles amam sangue. Eles amam ação!”, isto leva Riggan a ceder e a alterar os seus ideais e propósito de demonstrar a sua relevância própria, desvinculada do homem-pássaro. É como se perante a pressão, em seguir os caminhos mais condizentes com os seus ideais morais, Riggan temesse a não consolidação dos seus objetivos, a tal ponto que cria mecanismos de se sentir relevante, ainda que, não como gostaria. Ao experimentar este conflito psicológico, tão profundo, Riggan dissocia-se da realidade e mergulha por completo na esquizofrenia. Esta fuga é evidenciada quando aparece a sobrevoar a cidade, como se fosse ele mesmo o super-herói, mas na cena seguinte aparece o ator a sair de um táxi demonstrando que tudo aquilo não passou de uma criação da sua mente. A insanidade de Riggan, diante destes conflitos, que mais não são do que conflitos de identidade, fruto da esquizofrenia, onde busca reconhecimento social, faz com que ele mesmo coloque a própria vida em risco. Na estreia da peça, na última cena, a sua personagem comete suicídio e, como já explicado anteriormente, fruto da ideia plantada por Mike, Riggan leva uma arma de verdade e dispara na sua própria cabeça. Esta cena é absolutamente relevante para esta análise. Os conflitos vivenciados por Riggan tomam uma proporção tão grande e profunda, que ele vê somente no suicídio a única maneira de acabar com a tensão que a esquizofrenia causa na sua mente. A atitude de Riggan de disparar contra si próprio, no palco, pode ser interpretada como forma de silenciar todos os conflitos, suicidando-se e, também, como forma de ganhar visibilidade social e crítica. O ator não morre ali, mas a atitude conferiu-lhe grande repercussão mediática e aceitação da crítica. Já no hospital, aquando o acordar do coma, aparece o empresário e gestor de carreira de Riggan, a título de visita e mostra a crítica de Tabitha que saiu nos jornais. A crítica intitulada “A inesperada virtude da ignorância” é também o título do filme. Tabitha escreve no texto do jornal, que aquele desfecho só pode ser entendido como “super-realismo”, e que aquele sangue, literal e metafórico, seu e do público, é o que falta há tantos anos no teatro americano da Broadway. O empresário, em tom absolutamente eufórico, alega que Riggan conseguiu, e que esta é o tipo de crítica que transforma as pessoas em lendas vivas. O ator conseguiu o que tanto procurava, reconhecimento social, visibilidade e aceitação da crítica. Mas, em seguida, pula da janela do hospital, como se pudesse voar tal como o homem-pássaro, suicida-se e, quando a filha Sam chega, esta olha para cima como se ele estivesse a voar, o que pode ser interpretado também como uma criação da mente de Riggan, como se aqui, aquele tivesse conquistado também o reconhecimento e admiração da filha, mas que possivelmente fora somente uma ilusão esquizofrénica da sua mente. Porém, o ato de suicídio do ator, mesmo após conquistar tudo o que aparentemente buscava, faz relembrar a primeira frase do filme, de Raymond Carver (Late Fragment, 1989):

“E então, no final, conseguiu o que queria desta vida?”

- Sim.

- E o que queria?

- Sentir-me amado, sentir-me amado na Terra, em vida.”

A vítima de esquizofrenia é, acima de tudo, mais do que refém da doença, refém da própria mente. A cena final em que Riggan salta da janela foi, precisamente, a mais enigmática, não por esta ser de difícil análise ou compreensão, mas sim, porque para qualquer espectador mais desatento ou que não veja este filme de um ponto de vista científico e municiado de conhecimento psicológico, vai achar que a cena não faz sentido de todo e, nada mais é, do que um final estranho ou mal conseguido.

Na última cena do filme, após o segundo suicídio da personagem, neste caso consumado, a filha de Riggan olha para o céu através da janela do hospital de onde o pai saltou e, incredivelmente sorri, insinuando que está a ver o pai a voar como um pássaro, como o super-herói. Para um espectador superficial, das duas uma, ou a filha está contente porque o pai cometeu suicídio, ou sofre também ela de esquizofrenia, tendo sofrido um surto psicótico aquando o choque pela infeliz descoberta ou, por outro lado, Riggan é de facto um super-herói e, como tal, consegue voar. Contudo, este “voo” simboliza o ato de reconciliação entre pai e filha, que se libertam do sentimento de culpa, através da resolução dos seus conflitos íntimos e realizam um voo de paz, um voo de serenidade e amor. Ao nível psicológico é possível entender que o conflito entre ego e id foi resolvido, sanado e, desse modo, a personagem consegue dissociar-se, conquistando a tão almejada desvinculação da sua imagem virtual de super-herói e estabelecer o desejo do contacto paternal e humano com a filha, os amigos e familiares.

A reflexão crítica baseou-se nos episódios citados, na análise realizada a Riggan e ao seu processo de tentativa frustrada de desvinculação da personagem do homem-pássaro. Em termos de diagnóstico, encontram-se, possivelmente, perante um quadro de Perturbação Esquizofrénica do tipo paranoide, no qual se encontram presentes os seguintes sintomas, de acordo com o DSM-5: as crenças estranhas e o pensamento mágico (acreditar que tem superpoderes e que é um super-herói de verdade) e as experiências de percepção incomuns (o ouvir a voz do homem-pássaro). Para corroborar as suspeitas de esquizofrenia, sublinha-se o desinteresse com a vida social e gradativo isolamento: (i) Riggan não tem redes sociais, afirmando que não as tem com o intuito de manter a distância em relação à sociedade; (ii) é divorciado, no entanto fica patente no filme que a ex-mulher ainda nutre carinho e preocupação por Riggan, porém este não retribui esse carinho ou atenção para com a ex-esposa; (iii) foi um pai ausente e não manifesta consciência disso e motivação para mudar esse papel); (iv) alterações no humor, sinalizadas por uma certa apatia e/ou irritabilidade exacerbada (muito patentes nos surtos de raiva que Riggan tem no decorrer do filme); (v) os vários delírios e as várias alucinações que ocorrem no decorrer de todo o filme; (vi) ideias delirantes do tipo persecutório que se traduzem, por exemplo, em crenças

desfasadas da realidade; (vii) ideias delirantes de grandeza, expressas nas crenças em possuir capacidades fora do comum; (viii) alucinações de carácter auditivo; (ix) ansiedade; (x) comportamento agressivo; (xi) sintomas depressivos; (xii) pensamentos suicidas. Os sinais da perturbação persistiram, ininterruptamente, durante o tempo do filme, incluindo esse período sintomas que preenchem o critério A do DSM-5 (sintomas da fase ativa) podendo, ainda, compreender sintomas prodrómicos ou residuais. Durante estes períodos prodrómicos ou residuais, os sinais da perturbação manifestaram-se por sintomas negativos e por dois ou mais sintomas listados no critério A (e.g. crenças estranhas, experiências perceptivas incomuns).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise tem por objetivo mostrar como este filme demonstra que os conflitos mentais reais, no entanto reprimidos, permanecem num estado virtual ou imaginário, de latência, mas que podem ser observados quando os contextos propiciam a libertação dessas potencialidades, ou seja, quando o meio assim o estimula. É, assim, possível extrairmos o real do virtual. A arte possui a condição de viabilizar a fantasia, de se dar azo à imaginação e propiciar o acesso às potencialidades intrínsecas de um indivíduo. A arte transforma a experiência quotidiana e apresenta-nos diferentes maneiras de perceber os factos. São muitas as cenas que demonstram a luta de Riggan em silenciar a voz do homem-pássaro, em se tentar desvincular da personagem e ir contra tudo aquilo que ela simboliza na sua identidade. Porém, o seu anseio por mudanças e reconhecimento social, tal como o descontentamento com tudo o que o homem-pássaro representa na sua vida e na produção cinematográfica em geral, não são suficientes para a autorrealização do ator. Evidentemente, que toda a mudança gera ansiedade e, à medida que Riggan é tomado pelo receio, medo de não satisfazer a sua busca por validação social, através da peça da Broadway, a voz do homem-pássaro e o consequente “orgulho” (atuação do superego) que a voz vai alimentando, vão crescendo e dominando a mente e o comportamento (responsabilidades do ego).

Atendendo à patologia diagnosticada torna-se urgente investir nesta área para um maior conhecimento da patologia, que vise a promoção da melhoria da qualidade de vida dos doentes e das suas famílias. Com um tratamento adequado, o doente com esquizofrenia consegue integra-se da melhor forma na sociedade. Este estudo permitiu a aquisição de conhecimento relativamente a esta patologia e uma maior sensibilização para com os doentes com diagnóstico de esquizofrenia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Andreia. **Do universo ao multiverso da esquizofrenia – estudo de caso**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa, 2009.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual de Diagnóstico e Estatística das**

Perturbações Mentais – DSM-5. Lisboa: Climepsi Editores, 2014.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais (2ª ed.)**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

JASPERS, Karl. Psicopatologia geral. **Psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia (2 vols)**. São Paulo: Livraria Atheneu, 1979.

SOUSA, Daniela; PINHO, Lara.; PEREIRA, Anabela. **Qualidade de vida e suporte social em doentes com esquizofrenia**. Psicologia, Saúde e Doenças, 18(1), pp. 91-101, 2017.

QUEIRÓS, Tiago; COELHO, Filipe; LINHARES, Ludgero; TELLES-CORREIA, Diogo. **Esquizofrenia: O que o Médico Não Psiquiatra Precisa de Saber**. Acta Médica Portuguesa, 32(1), pp. 70-77, 2019.